



## Psicodrama Moreniano no Rio Grande do Sul: Memórias não encenadas

*Moreno's Psychodrama in Rio Grande do Sul State: Unenacted memories*

Helena Beatriz Kochenborger Scarparo<sup>[a]</sup>, Maria Lúcia Andreolli de Moraes<sup>[b]</sup>,  
Carla Charlene Rocha de Almeida<sup>[c]</sup>, Giuliano Ballardim<sup>[d]</sup>

- <sup>[a]</sup> Doutora em Psicologia, professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS - Brasil, e-mail- scarparo@puccrs.br
- <sup>[b]</sup> Doutora em Psicologia, professora da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS - Brasil.
- <sup>[c]</sup> Acadêmica de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista de Iniciação Científica (CNPq), Porto Alegre, RS - Brasil.
- <sup>[d]</sup> Especialista em Psicodrama pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA), Porto Alegre, RS - Brasil.

---

### Resumo

O artigo que segue busca registrar memórias de inserção do Psicodrama Moreniano no Rio Grande do Sul, RS, no decorrer das décadas de 70 e 80. A apresentação deste texto parte da necessidade de preservar, registrar e divulgar diferentes lembranças da história da psicologia brasileira. Com esse objetivo, busca compreender aspectos epistemológicos e práticos que se referem ao uso dessa abordagem como instrumento de estudo e intervenção nos diversos contextos em que se inserem os fazeres dos profissionais do campo da psicologia. Para tanto, os autores descrevem os resultados de um trabalho de pesquisa sobre as especificidades da construção do Psicodrama Moreniano no Rio Grande do Sul guardadas nas memórias de seus protagonistas. Trata-se de um estudo qualitativo, apoiado na análise bibliográfica, de documentos e narrativas sobre o tema. Num primeiro momento, apresenta-se uma explanação detalhada do histórico e dos principais pressupostos do Psicodrama Moreniano. Logo após, busca-se associar aspectos da instituição da referida abordagem às circunstâncias do contexto histórico e político do Brasil e da América Latina naquele período. Além disso, procura-se conhecer os movimentos de oficialização, seus conturbados processos de dissolução e as diversas estratégias de continuidade que foram formuladas pelos protagonistas dessa história do Psicodrama Moreniano.

**Palavras-chave:** Psicodrama. História da psicologia. Rio Grande do Sul.

### **Abstract**

*This paper describes the memories of the inclusion of Moreno's Psychodrama in Rio Grande do Sul State, RS, during the 1970s and 1980s. The paper begins with the necessity to maintain and disclosure these events connected to the history of psychology. With this objective, it tries to comprehend epistemological and practical elements related to this particular approach as an instrument of study and intervention in the contexts in which are inserted the practices of the Psychology field. To do so, the authors describe the results of the research about the specificities of the construction of Moreno's Psychodrama in Rio Grande do Sul State kept in the memories of its protagonists. A qualitative approach was used throughout this paper, supported by document and narrative story analysis. At first, the history of psychodrama and its basic mechanisms are explained and then the aspects of the institution of such approach are associated to the circumstances of that historical and political context in Brazil and in Latin America. Furthermore, we described the means of institutionalization, its processes of dissolution and the different strategies of continuity that were formulated by the main role players of this Moreno's Psychodrama history.*

**Keywords:** *Psychodrama. History of psychology. Rio Grande do Sul State.*

### **Introdução**

O estudo aqui apresentado é o resultado de uma atividade de pesquisa integrada dos grupos de pesquisa Processos e Organizações dos Pequenos Grupos e Políticas sociais e Práticas em Psicologia, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O objetivo geral proposto para a pesquisa referiu-se à necessidade de conhecer dados da história do Psicodrama no Rio Grande do Sul. Para tanto, investigou-se aspectos da trajetória do Psicodrama no Estado para reconhecer a circulação de ideias do Psicodrama do Rio Grande do Sul, na perspectiva da historicidade, e favorecer a preservação da memória e a formulação de espaços dialógicos sobre a construção de saberes e práticas psicológicas no Brasil.

Nos anos de 1970 e 1980, havia em Porto Alegre a Associação Sulriograndense de Psicodrama (ASP), uma entidade que congregava profissionais, especialistas em Psicodrama, que disponibilizava à “comunidade psi” um curso de formação nessa abordagem. Além da formação, a ASP oferecia atendimento à população em geral e ocupava-se, especialmente, em oferecer atendimento às pessoas com limitações financeiras, das classes menos favorecidas (ASP, 1975).

De acordo com depoimentos de profissionais que viveram esses episódios, em 1988, por “questões administrativas e divergências teórico-metodológicas”, essa Associação foi desarticulada. Os cursos de formação que dela faziam parte foram interrompidos e os atendimentos encerrados.

Possivelmente como decorrência dessa ruptura, os profissionais que participavam da ASP dispersaram-se e alguns optaram por outras linhas teóricas. Assim, interrompeu-se um processo oficial de formação e serviços, sem, contudo, suspender-se a continuidade do uso das técnicas e teorias no cotidiano de trabalho. Esta pesquisa buscou, então, reunir dados históricos do Psicodrama nesse contexto, com o objetivo de contribuir para o registro, ampliação e valorização dessa trajetória. Desse modo, oportunizam-se aqui processos dialógicos nos quais os interlocutores são protagonistas das experiências relatadas e profissionais que mantêm o Psicodrama Moreniano como fonte inspiradora de suas práticas.

A consciência histórica é mediadora entre aquilo que se idealiza do mundo e a forma como ele se mostra. Por isso, a história constitui-se nesse mundo e a ele retorna, humanizando as experiências e transformando a realidade (White, 1995). A efetivação da presente pesquisa espera contribuir com esse processo no sentido de disponibilizar memórias sobre os contextos de articulação dessas práticas e, com isso, fomentar reflexões críticas sobre as experiências e os efeitos dos modos de construção da Psicologia em diferentes contextos. Nessa perspectiva, como demonstram os resultados a seguir, o trabalho não se restringe ao Psicodrama. Aos dados coletados associaram-se articulações com outras abordagens, que também compõem a história da sociedade gaúcha nas décadas em que se deu o término do período ditatorial brasileiro.

Os resultados da realização do trabalho demonstraram tratar-se de um tema amplo, composto

por diversos desdobramentos e possibilidades de interlocuções interinstitucionais.

## Método

Passamos a registrar agora as peculiaridades do Psicodrama no Rio Grande do Sul evidenciadas pela pesquisa realizada. Para a coleta e análise dos dados foi escolhido um método qualitativo, privilegiando narrativas e documentos. Com essa escolha pretendia-se favorecer interlocuções que contribuíssem com a geração de dinâmicas interacionais e reflexões acerca da psicologia, dos lugares que ocupa e dos efeitos de suas práticas (Ferreira & Amado, 1996; Scarparo, 2008).

A coleta efetivou-se centrada em relatos verbais e documentos. Por meio da pesquisa documental foram identificadas e convidadas a participar, como informantes, pessoas responsáveis pelo início do movimento psicodramático no Estado. Fizeram parte desse grupo fundadores da ASP, integrantes da primeira turma de formação e outros atores mencionados no material consultado.<sup>1</sup> Além disso, pesquisamos produções teóricas dos psicodramatistas atuantes no Rio Grande do Sul no período de atividade da ASP. A análise dos dados foi efetivada com apoio na entrevista narrativa e na análise de conteúdo (Jovchelovitch & Bauer, 2002; Moraes, 1999; Scarparo, 2008) e gerou temáticas referentes ao contexto histórico-social, aos movimentos precursores à oficialização das atividades de formação e intervenção, à instituição e dissolução da ASP, e às estratégias de continuidade do processo.

## Resultados

### **Psicodrama Moreniano: Primeiros movimentos**

O Psicodrama é uma prática psicoterapêutica concebida pelo médico judeu Jacob Levy Moreno, nascido 1889, em Bucarest, na Romênia. A proposta, na sua origem, é marcada por diferentes concepções filosóficas, existenciais e religiosas. Dentre essas se

sobressaem a filosofia dialógica de Buber e os estudos fenomenológicos de Scheler e Jaspers. Além disso, Moreno aproximou-se das ideias de Lewin no que tange à teoria de campo e à dinâmica de grupo (Bezerra, 2002; Fonseca Filho, 1980). A obra de Moreno revela também influências do judaísmo – sua formação educacional nessa perspectiva foi decisiva. Acrescente-se a inclusão de expressões lúdicas, como a dança e a música, nos ritos da doutrina hassídica, um ramo do judaísmo (Gonçalves, Wolf & Almeida, 1988).

A crença no potencial criativo do ser humano apoiou buscas de transformação das condições sociais e práticas comunitárias que eram muito valorizadas por Moreno. Eram frequentes as intervenções nas praças e ruas de Viena, no sentido de estimular a população a buscar modos alternativos de estar no mundo (FEBRAP, 2007).

Gonçalves, Wolf e Almeida (1988) descrevem atividades filantrópicas e comunitárias atribuídas a J. Moreno desde sua juventude. É o caso da Religião do Encontro e da Casa do Encontro. Nessas experiências, Moreno participava de grupos de jovens que desenvolviam trabalhos destinados a desabrigados, migrantes e refugiados residentes em Viena. Nesse grupo predominavam perspectivas fenomenológico-existenciais.

Outro fator relevante para a compreensão da construção dessa abordagem foi a participação de Moreno na Revolução dos Jardins de Viena, de 1908 a 1911. Com o objetivo de estimular a espontaneidade e as fantasias infantis, estabeleceu-se um movimento destinado às crianças, tendo como instrumentos os contos de fadas e as representações livres e improvisadas. Mais tarde, em 1913, Moreno associou-se ao médico Wilhelm Green e ao Jornalista Carl Colbert para estabelecer intervenções destinadas às prostitutas de Viena. Nestas, em pequenos grupos, examinava estratégias de resgate da dignidade e favorecia reflexões acerca do papel desempenhado por aquelas mulheres na sociedade. Também existem relatos de participação em atividades destinadas aos refugiados da Primeira Guerra Mundial. Essa experiência desenvolveu-se entre 1914 e 1918 e evidenciou a relevância de atentar para as tensões psicológicas e as influências terapêuticas dos grupos (Bezerra, 2002; Fonseca Filho, 1980).

<sup>1</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade e a participação dos entrevistados foi efetivada mediante a assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

De 1917 a 1920, a identificação com a perspectiva fenomenológico-existencial levou Moreno a participar, como redator, de uma revista voltada a essa perspectiva, a *Daimonn Magazine*, o que intensificou a presença do existencialismo no seu pensamento. Também contribuíam com esse periódico os pensadores Kafka, Buber, Scheller e Werfel. Mais tarde, em 1922, foi fundado o Teatro Vienense da Espontaneidade, quando ocorreu a primeira sessão psicodramática. Nela houve uma manifestação pública e política por meio da qual se propôs a um grupo de expectadores que se posicionasse como “rei” da Viena pós-guerra (Bezerra, 2002).

Em 1923, a abordagem se consolida a partir do atendimento do emblemático caso Bárbara-Jorge, que deu início ao Teatro Terapêutico e foi fundamental para a publicação da obra *O teatro da espontaneidade*. Em 1925, Moreno emigrou para os Estados Unidos da América, dando às suas práticas um contorno sociológico. A partir de então, o psicodrama expandiu-se, com ampla utilização nas psicoterapias de grupo.

Em 1932, apoiado em experiência com jovens que haviam cometido delito em Hudson, Moreno propôs a “sociometria”, e por meio dela criou instrumentos de avaliação das relações interpessoais. Logo após, concomitante à fundação da Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e do Instituto Moreno, foi criada a revista *Sociometry* e fortaleceu-se a integração do pensamento de Moreno na academia (FEBRAP, 2007). Finalmente, a consolidação da teoria foi marcada pela publicação dos livros-base que se tornaram clássicos para compreensão da abordagem: *Psicodrama*, em 1946, *Psicoterapia de grupo e Psicodrama* e *Fundamentos do Psicodrama*, em 1959. Destaca-se também a realização, nessa época, do primeiro Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, na França. Esse evento, assim como os realizados em Buenos Aires, na Argentina, alguns anos depois, potencializou o uso da abordagem como instrumento de produção teórico-científica da Psicologia e áreas afins (Bezerra, 2002; Gonçalves, Wolf & Almeida, 1988).

### **A prática do Psicodrama Moreniano como instrumento terapêutico**

O Psicodrama é uma abordagem que utiliza a improvisação de cenas dramáticas para analisar e

orientar processos psicoterapêuticos individuais ou grupais. Essa abordagem tem sido intensamente utilizada como recurso clínico. Além disso, é instrumento de práticas no campo da educação, nas empresas, nos hospitais, na clínica e nas comunidades (FEBRAP, 2007). Por meio dessa intervenção ocorrem mobilizações que levam ao reconhecimento das diferenças e dos conflitos, o que favorece a criação de estratégias transformadoras da situação produtora de sofrimento e a expansão dos recursos disponíveis. Para desenvolver sua proposta, Moreno preocupava-se em criar espaços de reflexão tendo em vista o ser humano e suas circunstâncias. Desse modo, propôs considerar as relações sociais na intersecção dos mundos subjetivo e social, a Socionomia. Para tanto, o autor articulou três níveis de análise: a Sociometria, a Sociodinâmica e a Sociatria. Todas elas supõem a ação dramática como instrumento facilitador da expressão das condições implícitas das relações humanas. A Sociometria possibilita a visibilidade, por meio de gráficos ilustrativos da mensuração das escolhas das pessoas acerca das relações interpessoais. Isso favorece a compreensão das estruturas grupais. A Sociodinâmica investiga as dinâmicas redes de vínculos entre os componentes dos grupos. Finalmente, a Sociatria preocupa-se com a transformação social (FEBRAP, 2007; Moreno, 1972; Rojas-Bermudez, 1970).

Os processos terapêuticos implicam a realização de uma cena teatral, analisada por um terapeuta principal e terapeutas auxiliares requisitados eventualmente como protagonistas da ação. O público pode fazer parte do processo ao representar a reação social referente à cena produzida. Após uma discussão preparatória sobre o tema, evidenciam-se conflitos representativos das circunstâncias vividas pelos sujeitos envolvidos. Procede-se à dramatização e ao desempenho de papéis concernentes aos conflitos vivenciados. As cenas são dispostas de tal modo que facilmente vinculam-se à realidade, o que faz com que ideias com forte carga afetiva se expressem e sejam motivo de manejos terapêuticos dirigidos ao sujeito ou ao grupo (Moreno, 1993). Assim, a expressão do sofrimento psíquico pode ser reconhecida e acolhida (Bezerra, 2002; Fonseca Filho, 1980; Gonçalves, Wolf & Almeida, 1988). Apoiado na valorização do momento e no princípio da espontaneidade, o Psicodrama favorece a participação e estimula a criatividade na produção dramática. No término da encenação

é disponibilizado um espaço para comentários. Primeiramente manifestam-se os participantes da cena, depois os demais integrantes do processo, para promover interlocuções, reflexões e articular estratégias de encaminhamento

O Psicodrama tem ampla utilização como teoria e como prática. Profissionais da área clínica adaptaram-no para dar suporte ao seu trabalho, o que tem contribuído para a compreensão do sofrimento psíquico e para a articulação de estratégias de intervenção. No campo social, educacional e organizacional, experiências efetivadas parecem resgatar as origens do Psicodrama, auxiliando no refinamento das metodologias psicodramáticas (FEBRAP, 2007) e nas reflexões teóricas sobre essas práticas em cada contexto.

### **Contexto histórico da institucionalização da abordagem no RGS**

As condições sociopolíticas vividas na América Latina, a partir dos anos 60, são a marca inaugural de uma Psicologia que, concomitante à práxis individualista, incorporou categorias de análise de cunho mais social, como a conscientização, o cotidiano e a ideologia (Lane, 1996). Na época em que se estabeleceram os processos de instituição de práticas psicodramáticas no Rio Grande do Sul, vivia-se no Brasil o regime militar do Golpe de 1964. Assim, a conformação das práticas psicológicas estava impregnada da repressão política imposta pela ditadura militar (Scarparo, 2005). A relevância de tal cenário permeia alguns depoimentos coletados.

“Tinha muita contestação ao instituído”, afirmou uma das participantes, sublinhando que o Psicodrama, dentre outras terapias não convencionais, era foco de interesse e de intensa procura na época. A influência do período ditatorial evidenciou-se fortemente na interrupção da vinda a Porto Alegre de um professor comprometido com a formação do grupo que, mais tarde, veio a instituir a Associação Sulriograndense de Psicodrama (ASP). No início da década de 70, Juan Pedro Severino, uruguaio que trabalhava com Psicodrama Existencial, vinha à capital gaúcha sistematicamente para auxiliar na formação dos profissionais fundadores da ASP. Em determinado momento, deixou de comparecer aos encontros programados. Conforme seu depoimento, havia um

informante infiltrado no grupo de psicodramatistas, e Severino foi denunciado por ele como “agitador internacional”. Numa das datas previstas para sua vinda, ele não compareceu e não mandou mais notícias. Houve informações dele somente cerca de dez anos depois, quando um dos integrantes do grupo o encontrou em Buenos Aires e ficou sabendo que Severino havia ido para o México, pois os militares, tanto no Brasil quanto na Argentina e Uruguai, estavam preocupados em controlar as pessoas que trabalhavam com grupos e estas ficavam visadas. Em virtude disso, fugiu de seu país de origem e buscou exílio. De acordo com seu depoimento,

*estamos hablando del año 72 em los umbrales del quiebre institucional em el Uruguay y una ya establecida represión em Brasil. Fuimos avisados de que dentro el grupo se desarrollaban tareas de “observación” política y filtración informativa. A fines de 72 dimos por finalizada nuestra tarea y dejamos de concurrir. De haber quedado, nos enteramos años después, nos hubieran detenido denunciado por al informante como “agitador internacional” (entrevista concedida aos autores).*

As narrativas dos participantes acerca da força da repressão nessa época são divergentes. Alguns contaram que o contexto repressivo se fazia sentir intensamente, enquanto para outros a condição de censura radical não era perceptível. Ao mesmo tempo, as análises revelam que se vivia o trabalho de grupo como um espaço de liberdade de expressão e pensamento. Provavelmente, as necessidades de convivência associada às experiências psicodramáticas favoreceram a constituição de nichos direcionados aos relacionamentos coletivos.

No fim dos anos 70 já está em curso o processo de redemocratização no Brasil. Concomitante à vitória da oposição ao Governo Ditatorial nas urnas, começa o movimento pela formação do Comitê Brasileiro de Anistia (CBA). O então presidente general João Baptista Figueiredo decreta a Lei da Anistia, permitindo o retorno dos presos políticos exilados ao Brasil. Além disso, parlamentares cassados retomam seus direitos políticos. Em 1979, é aprovada uma lei que restabelece o pluripartidarismo, momento em que são criados o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT) (Gaspari, 2003; Scarparo, 2005).

Nesse período, observava-se na ASP um clima de grande descontração, que poderia ter relação com o contexto político, no qual a Ditadura já mostrava sinais de desgaste e os esquemas de repressão estavam sendo desarticulados. Tal situação também era vivida no contexto terapêutico.

As narrativas rememoraram também movimentos da sociedade civil no sentido de criar canais de acesso à participação política (Gamson & Meyer, 1999), tendo como mediadoras as articulações dos profissionais voltados para a abordagem psicodramática. É o caso da utilização do Psicodrama no movimento pró-constituente. Um dos informantes relatou ter participado, na década de 80, do Conselho Regional de Psicologia (CRPRS). Discutia-se então a necessidade de estimular a participação popular, por meio de entidades organizadas. Assim, a Psicologia articulada ao Movimento Gaúcho Pró-Constituinte passou a contribuir com esse intento. Nas discussões efetivadas o psicodrama foi mencionado com recursos a ser utilizado. Assim, realizaram diversos encontros nos quais se dramatizava um *como se* de um Congresso Constituinte para posterior debate com os participantes. Houve pelo menos dois eventos como esse na capital gaúcha: um no Sindicato dos Professores e outro com o público que estava visitando a Feira do Livro de Porto Alegre. A primeira experiência teve a participação de quase uma centena de pessoas e o trabalho desenvolvido na Feira do Livro contou com a colaboração de Leônidas Xausa, um advogado que era, também, suplente de senador, na época. Esse fazia um discurso a respeito do processo constituinte e, no fim, convidava as pessoas para uma experiência psicodramática na sala de teatro localizada na sede dos Correios e Telégrafos. O informante acrescentou que essa iniciativa politicamente relevante foi replicada em Brasília, Recife e Salvador.

Os depoimentos evidenciam que o contexto político de repressão impulsionou e limitou as práticas coletivas, articulando um complexo processo de interação social que conjugou estratégias de emancipação política e um contexto maculado pela repressão.

### **A oficialização das atividades de formação e intervenção psicodramática**

De acordo com o material analisado, no começo da década de 70 um grupo coordenado pelo

psiquiatra Armando de Abreu Pinto reunia-se para estudar psicologia existencial em Porto Alegre. Esse grupo era formado por psiquiatras e psicólogos, e parte dele participou de um congresso na cidade Argentina de Tandil, onde entrou em contato com o psiquiatra César Castilho. Este os orientou a aprofundar os estudos de psicologia e psiquiatria existencial por meio do Psicodrama Moreniano. O professor, então, orientou-os a procurar o psicodramatista Juan Pedro Severino para subsidiá-los nesse estudo. Meses depois, integrantes do referido grupo foram a Montevideu e entraram em contato com J. Severino e participaram de demonstrações de suas atividades, com o psicodrama, na instituição na qual trabalhava. Logo depois, foi convidado a vir a Porto Alegre para contribuir com a formação do grupo interessado em conhecer e aplicar essa abordagem. No início de 1973, J. Severino passou a vir a Porto Alegre para proceder ao processo de formação solicitado. Os encontros tinham como sede a Clínica de Armando de Abreu Pinto. A partir da avaliação dessa experiência foi elaborado um programa de ensino e J. Severino passou a viajar sistematicamente a Porto Alegre, pelo período de um ano. Além do grupo original, mais algumas pessoas foram convidadas a participar.

Como vimos anteriormente essas vindas foram interrompidas por questões relativas ao contexto de ditadura. Somente 10 ou 12 anos mais tarde, soube-se que o motivo da ausência do professor eram perseguições políticas que o levaram a refugiar-se no México por um longo período. Além de J. Severino, o professor Castilho também vinha a Porto Alegre para ministrar cursos sobre a abordagem existencial.

Nesse mesmo período, em São Paulo, havia um grupo que estudava a abordagem com o portenho Rojas-Bermudez, contatado por José Fonseca Filho, um estudioso interessado em divulgar o psicodrama. Esse se preocupava em estudar a obra de Moreno e publicou nessa época a primeira edição do livro *Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno* (Fonseca Filho, 1980). Nesse momento, o grupo gaúcho convidou Fonseca Filho para contribuir na reativação do curso de formação em Psicodrama, em Porto Alegre. Assim, Fonseca Filho e seu colega, o psiquiatra Ronaldo Pamplona da Costa, vinham mensalmente ministrar aulas e acompanhar práticas do grupo em formação. Além disso, o grupo se reunia semanalmente para seminários sobre a obra de Moreno e oferecia atendimento a pessoas das classes

populares, supervisionado pela equipe que vinha de São Paulo. Em dezembro de 1977, 11 profissionais concluíram a formação e foi fundada a Associação Sulriograndense de Psicodrama (ASP). Em 1976, a ASP passou a participar da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), instituição que reunia as 16 entidades de psicodrama existentes no Brasil.

Os fundadores da ASP passaram então a oferecer cursos, parte ministrada por eles e parte pelos professores oriundos de São Paulo. Além disso, havia atividades com a colaboração de grupos de teatro de Porto Alegre e com outras pessoas identificadas com o trabalho grupal. Também nesse período, um dos integrantes da ASP começou a trabalhar na PUCRS e ofereceu um curso de extensão em Psicodrama, que mais tarde se transformou numa disciplina optativa do curso de graduação em Psicologia. Mais tarde esse conteúdo foi incluído na disciplina de Dinâmica de Grupo.

Em junho de 1977, a expansão do psicodrama no Rio Grande do Sul era evidente. Havia alugado uma casa com seis salas de atendimento e, de acordo com os depoimentos coletados, era lócus de intensas interlocuções teórico-práticas do Psicodrama. Em 1978, ao término da primeira gestão da FEBRAP, foi feito o convite para que a ASP fosse a sede da FEBRAP nos dois anos seguintes. Apesar de assustados e um tanto perplexos pela responsabilidade, aceitaram o desafio, mesmo sendo um grupo jovem.

Flávio Pinto assumiu a presidência e outros colegas da ASP compuseram a diretoria da FEBRAP. Nesse período, realizaram o II Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Canela. O evento contou com 482 inscrições, um número expressivo para participantes de congresso naquela época. Posteriormente, passaram a intensificar sua dedicação ao ensino do Psicodrama: organizaram grupos de formação em Pelotas, em Florianópolis e Porto Alegre. Também ajudaram a formar instituições voltadas para o Psicodrama nesses locais e passaram a trazer psicodramatistas para supervisionar os trabalhos. Entre esses se destacaram Dalmiro Bustos e Eduardo Pavlovski. Depois de algum tempo, os membros fundadores da ASP obtiveram o título de “supervisores em psicodrama”.

A instituição organizava jornadas internas regularmente e era muito procurada para atendimento psicoterápico. A formação era composta por um módulo teórico e pelo atendimento a grupos, em duplas terapêuticas, numa proposta de formação em serviço. Cabe ressaltar que nesse período foi idealizado e criado o jornal *O Protagonista*, que tratava

de temas relativos ao psicodrama, como notícias de eventos, colunas de opinião e outras produções dos participantes da ASP. Como se pode observar, a associação organizou-se rapidamente, evidenciando o desejo coletivo de articular as práticas psicológicas da época à abordagem psicodramática. A intensidade dessa experiência também se produziu na rápida dissolução da ASP, como se mostrará a seguir.

### **A dissolução da associação de psicodrama no Rio Grande do Sul**

Apesar da intensa atividade e do rápido processo de consolidação, havia conflitos no cotidiano dos integrantes da associação. De acordo com as narrativas da unanimidade dos participantes desse estudo, eram frequentes as disputas entre as pessoas. Um dos fatores preponderantes para isso era que a partir da segunda turma matriculada não foram emitidos certificados de conclusão do curso. Isso se dava mesmo tendo em conta que a associação era filiada à FEBRAP e que maioria dos formandos cumpriu os requisitos exigidos para a conclusão. Para alguns dos depoentes eram evidentes os constrangimentos e crescente a indignação pela falta do reconhecimento oficial por parte da instituição. São claras as implicações sociais desse processo, uma vez que se estabelecem representações de não pertencimento ao grupo formalmente instituído como de psicodramatistas. Assim, além das implicações normativas, emergem questões afetivas da construção da identidade social (Jodelet, 2001).

As divergências do grupo foram se acentuando progressivamente. De acordo com um dos participantes a ASP, houve problemas de ordem política e gerencial. Segundo ele, os novos integrantes começaram a *querer tomar conta da associação*, o que fez com que os membros fundadores comesçassem a se afastar, provocando a derrocada do empreendimento. Também havia divergências quanto à aplicação do Psicodrama, pois, embora desde sua criação, a ASP cumprisse um papel social no atendimento a pessoas com menor poder aquisitivo, a maioria dos psicodramatistas da associação tinha como principal atividade o atendimento em consultório privado. Além disso, os jogos de poder citados inviabilizavam interlocuções entre os associados.

Para alguns participantes o fato de haver temas considerados *tabus* – como os jogos de poder dentro da associação – produziu lacunas na

comunicação, dificultando os processos de diálogo e negociação. Assim, a extinção implicou na interrupção das trajetórias de cada associado e dos projetos da ASP. Todos os entrevistados revelaram ter realizado grande investimento emocional na formação e na prática psicodramáticas, sentindo-se muito frustrados com os rumos que a associação tomou.

Na versão de um deles, a decisão de extinção aconteceu por deliberação de uma assembleia geral, em 1988. Explicou que começaram a existir dissensões dentro do grupo, especialmente entre os mais antigos e os mais jovens na instituição. Além disso, não existiam mais condições de manter as despesas com a sede. Ele relatou ter *lutado até o final*, pois temia que com o fim da associação, o movimento fosse se diluir, o que acabou acontecendo. Outro participante afirmou que os fundadores da associação começaram a senti-la *como um peso*, em função das questões administrativas e burocráticas. Ponderou também que os protagonistas dessa história não foram tão *dogmáticos* quanto deveriam. Justificou tal afirmação dizendo que um grupo formalmente instituído precisa de certos dogmas, e o espírito do Psicodrama não tinha essa característica, já que Moreno estava distante de propostas consideradas indiscutíveis. Por exemplo, eram inúmeros os debates quanto à necessidade de *obrigar* ou não as pessoas em formação a se tratarem. Houve um *desinvestimento* na medida em que *cuidar da ASP* se tornou um problema.

Outros participantes descreveram esse desfecho como traumático. Lembraram que no início da década de 90, após um Congresso de Psicodrama, um grupo de profissionais que participou da ASP passou a se encontrar para falar sobre o que ocorreu. Esse grupo era, principalmente, formado por pessoas da segunda e da terceira turma de formação e, mais tarde, por pessoas da quarta turma. Tinha como objetivo lidar com as situações vividas no decorrer do processo de instituição e dissolução da ASP. Com isso, alguns se motivaram e buscaram concluir suas formações como psicodramatistas em outras instituições.

[...] *algumas pessoas talvez não tivessem mais vontade de participar de uma clínica social, esses antigos professores, porque era o nosso interesse que estávamos começando [...] foi bem frustrante, né? [...], e isso então que me fez, né, especialmente assim como trajetória pessoal, continuar os estudos com [...] pessoas muito engajadas politicamente* (entrevista concedida aos autores).

### Continuidade do Psicodrama após a dissolução da ASP

Quanto à continuidade das práticas psicodramáticas, algumas narrativas dão conta de trajetórias predominantemente individuais, outras referem tentativas de rearticulação dos processos grupais. Além da ASP – e provavelmente como desdobramento dessa experiência –, foram fundadas outras instituições de formação em Psicodrama. É o caso dos grupos estabelecidos em Florianópolis e Pelotas. Esses se vincularam diretamente à FEBRAP.

Em Porto Alegre, alguns integrantes dos antigos grupos de formação compraram outra casa, na qual promoveram cursos de formação para duas turmas. Em função de um deles trabalhar em uma instituição de ensino superior de Porto Alegre, a expressiva demanda de profissionais interessados em ser psicodramatistas oportunizou a instituição de um curso de pós-graduação que aconteceu no ano 2000. Era um curso de aperfeiçoamento com 160 horas. No ano seguinte instituiu-se o curso de especialização, com 360 horas-aula, que hoje está em sua terceira edição. Para ministrar aulas nesse curso, alguns integrantes da extinta ASP têm sido convidados. Essa iniciativa engendrou processos de integração e tem articulado a construção de outra etapa na história do psicodrama. Ao mesmo tempo, tal empreendimento foi apontado como fator fundamental para uma afirmação acadêmica da teoria e do método psicodramático no Rio Grande do Sul. Os profissionais formados pelo curso da Faculdade de Ciências Médicas não estão vinculados à FEBRAP, porém seus títulos são reconhecidos pelo MEC, o que lhes confere uma legitimação oficial.

A disponibilidade de todos os entrevistados em participar da presente pesquisa também evidencia a necessidade que sentem em rememorar suas experiências com o psicodrama. Um deles aponta a importância da pesquisa para os rumos do psicodrama em nosso meio:

[...] *então esta parte que vocês estão fazendo agora com pesquisa eu acho que é fantástico... Assim, eu acho que realmente é algo, é algo que vem mais uma vez como um movimento saudável, pra entender o processo, pra entender a história, pra aprender com a história, né?* (entrevista concedida aos autores).

A reflexão que hoje os ex-associados, com esta nova geração de psicodramatistas, conseguem

fazer ao pensar a história do psicodrama no Rio Grande do Sul permite que se possa realmente aprender com os eventos passados, levando em conta, especialmente, a necessidade de se preservar o aspecto instituinte desse movimento. Foi apontado por alguns entrevistados o aspecto de que, por meio de contatos informais, mesmo ocasionais, a história do psicodrama no Rio Grande do Sul não terminou com a dissolução da ASP, permanecendo como um germe que se movimentava subterraneamente e que hoje eclode tanto na formação de profissionais, como especialmente na criação de outros espaços de interlocução. Mais uma vez um participante do estudo sintetiza o conteúdo presente nesta história: *a revelação do drama é o que vai nos confirmando.*

Além do curso anteriormente referido, existem outras propostas de qualificação profissional de terapeutas por meio de técnicas psicodramáticas. Além disso, atualmente o Psicodrama tem sido ferramenta amplamente utilizada para tratar de questões humanas em diferentes contextos. São citadas atividades com essa abordagem em tarefas acadêmicas, tanto no âmbito administrativo como curricular. Também são utilizadas técnicas psicodramáticas em atividades voltadas para as práticas desenvolvidas no âmbito das políticas sociais, entre outras. Dois dos entrevistados lembraram-se de uma atividade que desenvolveram em 2005, com a equipe da Escola de Saúde Pública do Estado. Outro recordou a dramatização que coordenou com a participação de meninos de rua, no Parque da Redenção, em Porto Alegre. Essa atividade tinha como temática a indagação: “que mundo queremos?”

Cabe destacar ainda as promoções sistemáticas de eventos com essa abordagem nos Fóruns Sociais Mundiais, em Porto Alegre. No primeiro, por exemplo, foi organizado um psicodrama simultâneo com profissionais psicodramatistas de vários locais do mundo. Alguns desses trabalhos foram apresentados em congressos, como esclarece um dos entrevistados, mas ainda carecem de maior divulgação.

## Discussão

Os resultados do presente estudo revelaram processos históricos de constituição dessa abordagem no contexto gaúcho e brasileiro, que podem nos auxiliar na compreensão das práticas que se efetivaram no âmbito da Psicologia a partir de então.

Ressalta-se a importância de conhecer e associar as especificidades da constituição de abordagens psicológicas com questões do contexto social, histórico e político.

Um relevante aspecto a ser apontado se refere ao contexto histórico-político no qual se estabeleceram os primórdios do psicodrama no Rio Grande do Sul. É curioso observar que, num período pautado pela ditadura, e por isso por fortes restrições à cidadania e à vida civil, grupos voltados para a compreensão e para o tratamento do sofrimento psíquico buscassem nas abordagens existenciais e nas técnicas psicodramáticas respaldo para suas atividades e projetos profissionais. Essa escolha poderia ser atribuída às possibilidades de compreensão e problematização das circunstâncias humanas oferecidas por tal aporte. Além disso, o movimento existencialista pode ser considerado como uma poderosa força do pensamento moderno e seus expoentes privilegiaram a compreensão do todo da existência, tendo em vista as limitações do campo existencial, os diferentes modos de estar no mundo, bem como as diversas possibilidades de ser e de interpretar a si mesmo. Provavelmente, tais possibilidades poderiam estabelecer espaços alternativos e de resistência à repressão, uma vez que a abordagem existencialista sugere a integração indivíduo no mundo e a apreensão das experiências no aqui-agora, tendo em vista espaços de humanização. Nesses espaços podem se estabelecer críticas sociais no que tange aos processos de alienação, fragmentação, burocracia e mecanização, levando o sujeito a assumir a responsabilidade por sua existência (Hall & Lindzey, 1984). Provavelmente, em tempos de ditadura e conseqüente anulação da vida civil, encontrar abordagens que atribuem ao ser a responsabilidade pela própria existência poderia significar o estabelecimento de processos criativos que resultassem na busca de estratégias emancipatórias.

Devemos considerar também que o psicodrama moreniano tem como marca as críticas sociais e o rompimento com abordagens tradicionais e lineares de produção de pensamentos e de construção de intervenções no campo da psicologia. Dentre suas especificidades figuram a necessidade de expressar sentimentos e emoções, a valorização dos movimentos, o estímulo à criatividade com a inclusão de expressões lúdicas. Sendo assim, a inserção dessa abordagem e sua permanência nas práticas profissionais contemporâneas denotam a

vitalidade dessa proposta e o potencial simultaneamente transformador e integrador que ela encerra. Ao mesmo tempo em que rompe com abordagens ortodoxas, favorece sua transformação, na medida da utilização das ferramentas psicodramáticas nas práticas de diferentes tendências teóricas. Exemplo disso foi evidenciado nas narrativas dos participantes da pesquisa ao se referirem à organização de grupos de formação em psicodrama psicanalítico.

Nas narrativas e documentos analisados sobressai a marca da contínua luta por instituição e confronto com o pressuposto psicodramático da espontaneidade. Essa questão denota ambiguidade do grupo protagonista da instituição do psicodrama no Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo em que gostaria de legitimar um espaço formal para a abordagem, essa instituição poderia engessar aspectos relativos à espontaneidade e à crítica às instituições formais, características do pensamento de Moreno (1972).

Como se pode observar, pesquisar os diferentes componentes históricos relativos à construção de espaços relacionais humanos consiste em intensos processos de produção de significados. Neles se volta ao passado e se ressignifica o presente. Tal movimento ficou demonstrado pelos resultados desse estudo, pois com as memórias do passado efetivaram-se novos projetos e realizações no “universo psi”.

## Referências

- Associação Sulriograndense de Psicodrama – ASP. (1975). **O protagonista**. Porto Alegre: Associação Sulriograndense de Psicodrama.
- Bezerra, D. (2002). Psicodrama. In E. Kahale. (Org.). **A diversidade da psicologia: Uma construção teórica** (pp. 195-220). São Paulo: Cortez.
- Federação Brasileira de Psicodrama – FEBRAP. (2007). **O que é Psicodrama?** Recuperado em 20 jul. 2007, em <http://www.febrap.org.br/debates/dicas.php>
- Ferreira, M., & Amado, J. (Org.). (1996). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Fonseca Filho, J. (1980). **Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Ágora.
- Gamson, W., & Meyer, D. (1999). Marcos interpretativos de la oportunidad política. In D. Mc Adam, J. Mc Carthy, & M. Zald (Org.). **Movimientos sociales: Perspectivas comparadas**. Madrid: Istmo.
- Gaspari, H. (2002). **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gonçalves, C., Wolff, J., & Almeida, W. (1988). **Lições do psicodrama: Introdução ao pensamento de J. Moreno**. São Paulo: Ágora.
- Hall, C., & Lindzey, G. (1984). **Teorias da personalidade**. São Paulo: EPU.
- Jodelet, D. (2001). **As representações sociais**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. (2002). Entrevista narrativa. In M. Bauer, & G. Gaskell. **Pesquisa qualitativa contexto, imagem e som: Um manual prático** (pp. 113-90). Petrópolis: Vozes.
- Lane, S. (1996). Para pensar... e depois fazer! **Psicologia e Sociedade**, 8(1), 3-15.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. **Educação**, 37(1), 7-32.
- Moreno, J. (1972). **Psicodrama**. Buenos Aires: Hormé.
- Moreno, J. (1993). **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. Campinas: Editorial Psi.
- Rojas-Bermudez, J. (1970). **Introdução ao psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou.
- Scarparo, H. (2005). **Psicologia comunitária no Rio Grande do Sul: Registros da construção de um saber-agir**. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Scarparo, H. (2008). Pesquisa histórica em psicologia. In H. Scarparo (Org.). **Psicologia e pesquisa** (pp. 107-120). Porto Alegre: Sulina.
- White, H. (1995). **Tópicos do discurso**. São Paulo: EDUSP.

Recebido: 10/06/2008  
Received: 06/10/2008

Aprovado: 24/08/2009  
Approved: 08/24/2009